

DIRECTOR

O SECULO

DE SANTA



AVIA um senhor valado que vedava certa estrada, ficando, do outro lado, uma horta bem tratada.

Ora nessa primavera, entre os arbustos, um dia, uma alcachófra nascera, que era alta e muito esguia.

Tinha, na cabeça erecta, uma trunfa arroxeada, que lembrava a dum poeta por ser, também, desgrenhada,

Na verdade, ela sentia, dentro do seu coração, lindos sonhos de poesia, de quimera e de ilusão!

No valado havia a ideia entre os arbustos dispersos, que, em noites de lua cheia, ela até fazia versos!

Pois ao cair da noitinha, ao cintilar das estrêlas, levantava a cabecinha, ficando enlevada nelas,

Nunca, nunca se fartava! E, depois, o que dizia!



Mas tão baixo ela falava que era pena, mal se ouvia!

Numa voz muito fraquita, punha-se a balbuciar: — «Ai! se eu fôsse uma avezita, como havia de cantar

tôdas as côres tão belas que eu vejo do meu valado, desde o oiro das estrêlas, ao verde calmo do prado... Tudo, tudo o que me encanta!
Tudo quanto me seduz!
O dia que se levanta
numa alegria de luz!

E aquele véu, tão fininho, que à noite nos vem tapar e cai tão devagarinho que ninguém o vê chegar!

Tudo o que no céu flutua, nuvens correndo, de leve... o vento, o sol, mais a lua e o luar branco de neve!...

Das florinhas o matiz, as luzes dos pirilampos, e êsses perfumes subtis que a brisa nos traz dos campos...

Essas cantigas infindas que no rio cantam as águas, tão fresquinhas e tão lindas embalando as nossas mágoas!

E o doce canto de amor que a loira abelha infiel vai cantar, de flor em flor, para que lhe dêem mel.

Sinto tanto a Natureza, que pregunto, muita vez,

como é que uma tal grandeza, cabe nesta pequenez! — »

Erguendo mais, para os céus, a sua cabeça erecta, dizia: — «Graças, meu Deus, que me fizeste poeta! — »

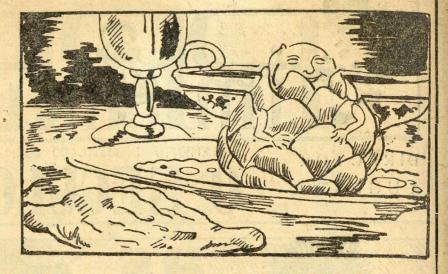
Do lado de lá da estrada que o tal valado vedava, muito gorda, e anafada, outra alcachófra morava.

Destas sem trunfa eriçada, que são comida de ricos e trazem saia rodada, com folhos cheios de bicos.

A sua forma era arcaica, de burguês capitalista. Tinha tanto de prosaica como a outra de idealista.

Já se vê, não percebia as falas da companheira, porque falava em poesia e ela em prosa vil, rasteira,

Emquanto uma só passava todo o seu tempo a sonhar,



a outra, essa, só tratava de crescer e de engordar.

Quando Junho foi chegado, variaram suas vidas. Foram parar ao Mercado e, depois, ambas vendidas.

A da prosa foi papada, feita em môlho suculento... A da poesia queimada, e posta ao ar, ao relento. Tisnada como um carvão, olhava os céus a sorrir!...
Sentia no coração que havia de reflorir!

Qualquer coisa lhe dizia que aquilo não era o fim... Que um poeta não podia envelhecer, feio, assim!

Quando a claridade frouxa anunciou a manhazinha, uma nova trunfa roxa lhe enfeitava a cabecinha!

E a alcachófra sonhadora envelheceu sem saudade, na ideia consoladora que voltára à mocidade,

Creiam no que vou dizer, que lho digo sem paixão: — só se envelhece, a valer, quando se perde a ilusão.



FIM

Atenção O «Pim-Pam-Pum» tem o grande prazer de comunicar aos seus queridos leitores que vai tratar da organisação duma nova festa infantil, sensacional, a realisar-se no meado do mês de Julho. No próximo número publicaremos um cupão, cuja inserção faremos, também, nos números seguintes, a-fim de serem trocados pelos bilhetes de entrada.

O LINDO LIVRO

PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita, é constituido por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

por JOSÉ AUGUSTO DO VALE

RA uma vez um camponês que tinha feito a casota do seu cão junto ao cortelho do seu porco. O porco que só queria comer e dormir a sono solto, sentia-se incomodado com o frequente latir do cachorro, seu vizinho, o qual, no seu papel de fiel amigo do dono, não se cansava de vigiar a quinta.

O porco, animal muito estúpido, nada agradecido, que nem tolera qualquer brincadeira, não hesitando em dar uma dentada no próprio dono, se tal lhe apetecer, jurou vingar-se do contínuo policiamento do cão. E, por isso, quando via que o cão tentava dormir sôbre as palhas da casota, lembrava-se, logo, do primeiro caldeiro da lavágem enfarelada e deitava, para a casota do vizinho, o comprido focinho, como se fôra um clarinete, e azoinava-lhe os ouvidos, cortando-lhe o sono, com a sua ameaçadora linguágem: «Eu corro um...; corro um...; corro um...».

O cão já por mais de uma vez lhe

cão junto ao cortelho do seu

porco. O porco que só queria
comer e dormir a sono solto,
levo as noites a vigiar a quinta do patrão e a guardar as tuas costas dalgum
o cachorro, seu vizinho, o qual,
gatuno.*

Mas o porco fazia ouvidos de mercador; isto é, não estava para o atender.

O cão, como animal bem educado, vendo que o seu vizinho porco não tinha emenda, abandonou a casota e passou a dormir cá fóra, ao relento da noite. O certo é que, mesmo ali, não teve grande descanso, porque o porco en toou de novo o seu estribilho, velhaco como sempre, numa constante ameaça: «Eu corro um...; corro um...; corro um...»

O cão ainda lhe implorou, com bons modos, que se calasse. Mas êle, sempre insolente, retorquiu-lhe nos termos seguintes:

- «Escusas de me mandar calar.



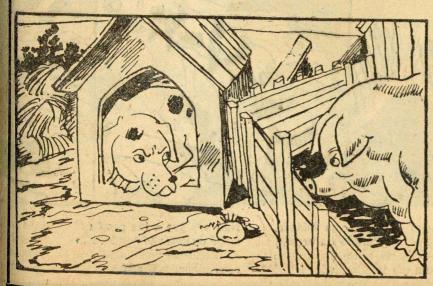
porque eu, com a fôrça do meu dente, não tenho medo do quer que seja! Portanto, meu amigo, escusas de estar, de noite, a soltar o teu frequente:—«beu-beu..., beu-beu...,» pois êle, para mim, vale tanto como um velho chapéu».

O cão, finalmente, como animal muito esperto, tornou a mudar de local e, dando ao desprezo o porco, não mais se preocupou com a gabarolice do mau vizinho que, na sua agressiva linguágem, continuou a grunhir, por toda a parte:

- Eu corro um...; corro um...; corro um...;

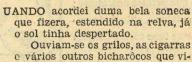
7 7

Se temos, junto da porta, vizinho incómodo e mau, o remédio é desprezá-lo, como se fôra um calhau!



FIM





vem nos campos.

Perto de mim, um gafanhoto verde, pousado numa haste de ervilhaca, parecia muito entretido a roçar as côxas trazeiras contra as ásas, o que produzia um som esquisito.

— Acaba lá com essa sanfôna, amigo gafanhoto! — acudi eu, para o ouvir.

Já se vê que o bicho hão gostou desta desagradável interrupção e bradou, indignado:

BISBILHO

DESENHOS DE ANI

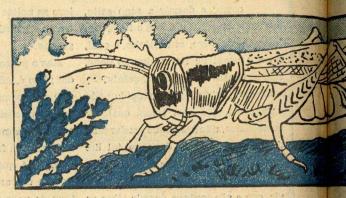
— Sanfôna!? Parece impossível, Anão Sabichão, que, com tua fama de tudo saberes, te sáias com essa!

Mas eu não dei importância ao seu mau humor e continue muito calmo:

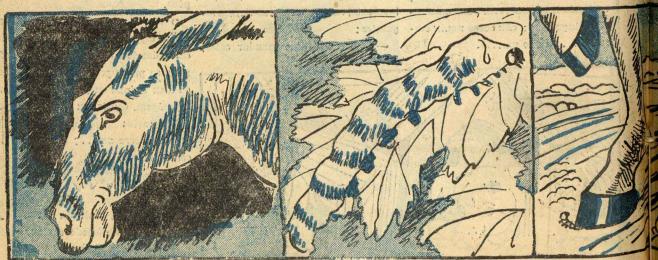
Não era bem sanfôna que eu queria dizer, era cantilêna
 Cantiga! Cantiga! Assim é a serenata que canto par chamar a minha senhora gafanhota.

— Ah, sim? — exclamei, mortinho de riso. — E o que responde a tua senhora a essa melodia?

- Coitada! Não responde nada! Por mais esforços que face



O MACHO, A LAI



Achando-se um macho, um dia, quási a pisar uma larva, esta que não era parva, protestou como devia. Logo o macho, com vaidade, volve ao protesto do verme:

— «Tentas, acaso, ofender-me com tua inferioridade?!

Não vês que a tua pessoa ao pé de mim não é nada?!...» E, dando-lhe uma patada, esmigalhando-a, matou-a.

As outras la resolveram, contar o crita ao rei dos bi

ICES POB ANÃO SABICHÃO

ADLFO CASTAÑÉ

com i nasceu para cantora, É muda! — E muito orgulhoso da sua abedoria:

_Alguns dos meus primos, gafanhotos de outras raças, até stam, voando. Isso não o posso eu fazer e tenho pena! A tilena pre do canto é das prendas mais lindas, mas não esta berraria o par dos grilos e cigarras que mais parecem telefonias desenfrea-

das!... – disse, desdenhoso o bicharoco. —E para que tem, o meu amigo, as pernas trazeiras tão

le fag -Então, não sabes que é para dar os saltos formidáveis que





nos tornam célebres entre os insectos ? Queres ver quanto avanço, num dêsses saltos? — e já se dispunha a saltar, quando

- Deixa-te estar quieto! Eu conheço a vossa habilidade. E, nesta erva tão espessa, deve-te ser difícil dar êsses pulos!...

- Difícil, é um pouco! O que tem é a vantagem de nos livrar dos inimigos.

— Dos galos, galinhas, perús...
— E também dos insectos que nos perseguem. O que nos vale é a nossa côr. Verdes ou castanhos, confundimo-nos, facilmente, com a folhágem e troncos... Assim é que nos livramos dos malditos ...

- Já o mesmo não sucede aos teus parentes da Asia e África que têm cores tão variadas.

Com um suspiro pesaroso o gafanhoto interrompeu-me:

(Continua na página 6)

ARVA E O LEAO



s então. despacho, o macho, o Leão.

Logo o rei dos animais julga o macho que lhe diz: - «Matei um ser dos mais vís, Majestade, nada mais!»

Volve o leão, todavia, com expressão muito azêda: - «O verme era o rei da sêda e bem mais que tu valia!

Pela morte dêsse verme, vais por mim ser condenado! Tudo que existe é sagrado, seja larva ou paquiderme!

DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

O ambiente era requintado e duma grande beleza. Ricamente vestidas, as raparigas, quasi todas, como Helen, filhas de milionários, punham, nos esplêndidos salões uma nota de colorido e frescura que deleitava a vista.

Mas Helen parecia preocupada.

Sorrindo sempre, atravessava os grupos, falando para a direita e para a esquerda, mas com uma certa impaciência no olhar...

— «Não viste por aqui o Fernando, Mary?» — preguntou, a uma rapariga que surgiu, dando

o braço a Harry.

— «Não, Helen, não vi. Talvez ande no jardim. Está uma noite linda e o Fernando pareceme bastante romântico para se maravilhar com o esplêndido luar que faz lá fora.»

Helen, anciosamente correu o jardim mas, não encontrando Fernando, voltou para o salão,

deveras intrigada.

Porém, ao passar pelo âmplo vão duma janela um sorriso lhe animou o rosto, fazendo-lhe

pulsar, mais rapidamente, o coração.

— «Fernando: Aqui sózinho, quando todos dançam, todos riem, todos vivem, alegremente estas horas leves e felizes. Mas o Fernando estava a ler... agora reparo...



— «E' verdade, Hellen. Mas não se retire. A sua presença nunca pode tornar-se importuna».

— «Obrigada, Fernando. Mas... perdõe-me a indiscrição... Notícias de Portugal? De sua Mãe,

talvez?...»

— «Não, Helen; — exclamou, levemente embaraçado, Fernando. E' uma carta da noivazinha modesta que deixei no meu País... Um coração que bate ao compasso do meu, mesmo a tão grande distância... Vocês, as raparigas inglezas, talvez não entendam esta religiosa comunhão de almas, êste sagrado nó espiritual, a que nós, os portugueses, na nossa linguágem de ternura e poesia, respeitosamente chamamos Amor!

(Continúa no próximo número)

BISBILHOTICES

(Continuação da pagina 5)

— A-pesar-de tudo, não se me dava usar tão lindas cores!...

— Ainda uma pregunta: Porque tens tu as pernas da frente assim inchadas, aí, nas juntas?

O gafanhoto deu uma gargalhada, muito divertido.

— Sempre tens cada pregunta! Esses inchaços são os meus ouvidos, percebeste? Es muito bisbilhoteiro, amigo Anão!

— Queres saber porque assim sou? É para ensinar os leitorzinhos do Pim-Pam-Pum. Como estás vendo, a respeito de gafanhotos a minha sabedoria não é muita? Ainda assim, estou ao facto de que vocês foram, nos tempos antigos, uma das pragas do Egipto.

— E continuamos a ser, em todos os países e em todos os tempos, a maior praga do mundo! Há lá nada pior que um bando da nossa família, sôbre campos semeados!...

Nisto, o gafanhoto quedou-se pensativo:

-Sabes, Anãosinho? Ando muito impressionado.:.

- Que te sucedeu ?

— Vi, outro dia, um companheiro morto. Era um lindo gafanhoto, vestido com um casaco verde esmeralda, tal qual o meu. Mas, assim que morreu, logo se tornou duma côr castanha escura, tão feia, tão feia, como uma noite de trovões!

 Não te apoquentes com isso! Lembra-te que quando, por tua vez, te tornares dessa medonha côr, estás morto

e não te podes ver!

O gafanhoto pareceu ficar mais consolado com estas palavras animadoras e, lá o deixei fazendo a tal cantilêna monótona, a chamar a fugidia senhora gafanhota que ainda não recolhera.

RESPOSTA A' ARGENTINITA Por ANÃO SABICHÃO

menina poetisa, que se alcunha Argentinita e belamente improvisa, com uma graça infinita, o vosso amiguinho Anão, vem, também, em versalhada; pondo as mãos no coração, numa grande barretada, agradecer a fineza.

as expressões agradáveis, cheias de delicadeza e as palavras tão amaveis, do seu tão lindo pensar,

Elas tiveram condão de deixar meio pateta o vosso amigo petiz e uma lágrima discreta
lhe rolou pelo nariz,
porque viu que os seus meninos,
em seus cérebros pequeninos,
entendem o que êle escreve.
Por isso, mais e mais deve
continuar sua missão,
êste que se subscreve
vosso dedicado

ANAO

PARA

CHARADAS EN FRASE

Parti o meu aparo num buraco desta linda terra portuguêsa. 2-2

Isolado num ermo dei um grito que fez estremecer o chão. 1-2.

Em seu leito êste animal devorou êste bicharoco. 2-2.

Com este utensilio de campo, fabriquei nesta terra beiroa este utensilio de cozinha. 1-2.

A acusada recebeu um belo tratamento ao tirarem-lhe a foto-grafia. 1-2.

A comida dêste pássaro é a mesma desta ave. 2-1.

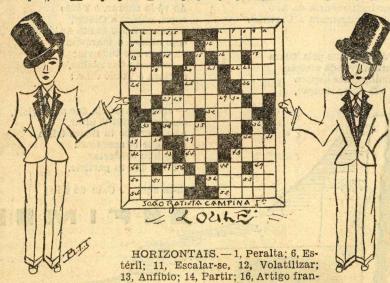
Solução das anteriores:

1—Maravilha. 2—Lusiadas. 3— Américo. 4—Vitória.



MENINOS COLORIR

PALAVRAS CRUZADAS



cês; 17, Limitada; 18, Voz do gato; 20-Satélite; 22, Despache; 24, Espaço de tempo, 25, Idem em francés: 26, Andavam; 27, Mulheril; 31, Pendem; 32, Catafalcos; 34, Diminuir; 37, Preposição; 39, Primorosa marca de aparelhos de T. S. F.; 40, Arte em francês; 42, Córante; 44, Artigo (contracção); 45, Zangar; 46, Limitada; 47, Camínhava; 48, Abreviatura de Monsieur; 49, Pronome; 50, Mulher robusta; 52, Silhueta; 54, Arvore; 55, Silveira.

VERTICAIS.—1, Casa de banho; 2, Acalma; 3, Nota; 4, Juntar; 5, Casa; 6, Pássaro; 7, Rumo; 8, Pronome francês; 9, Flores; 10, Mandado; 15, Apetrechei; 19, Contracção; 20, Pranto; 21, Dizes asneiras; 27, «Longe» em inglês; 28, Interjeição; 29, Eleva; 30, Morada; 33. Gracioso; 35, Reproduz; 36, Gratuito; 37, Livre; 38, Pronome; 40, Atmosfera; 41, Atenção; 43, Ligai; 45, Apre. 48, Espaço de tempo; 51, Batráquio; 53, Frei; 56, Nome de letra.

LIÇÃO DE DESENHO





Toninho era um garoto levadinho do demónio, um poucachinho maroto, mas de bom fundo, coitado Coração doiro...

Ora o Tónio tinha, desde o ano passado, um altar de Santo António.

Assim que o sol despontava até que a tarde caía, ao pé do altar se encontrava o Tónio, alegre, feliz, à porta duma Olaria e perto dum chafariz que lá, por acaso, havia:

De bandejinha na mão a quem passava pedia a graça de meio tostão para o Santo do seu nome, que sôbre o altar lhe sorria, não para matar a fome mas para sua alegria.



Um día, entanto, chegara, junto ao chafariz, a filha da sua vizinha, a Clara, que tinha dez anos só, e que fora encher a bilha, por incumbência da Avó que lhe ensinara a Cartilha.

Toninho, que pela Clara sentia grande afeição, sùbitamente depara pois Clarinha escorregara, pregara a bilha no chão, que toda em cacos ficara,

Ao vê·la chorar, o Tónio corre, então, à Olaria, deixando o seu Santo António, cujo olhar, ó maravilha, dir-se-ía que tudo via; e, trazendo nova bilha, à Clara o Tónio dizia:

